

## **O HABITUS LINGÜÍSTICO NO CAMPO POLICIAL**

*José da Cruz Bispo de Miranda (UEPI)*  
[bispom@bol.com.br](mailto:bispom@bol.com.br)

### **INTRODUÇÃO**

O tira chegava de posse de um distintivo e de um ferro, sem saber a procedência, de onde ele veio, se ele estudou, se era bronco-so, ingressando na polícia pronto para passar a pulseira, pra fazer o que ele quisesse (fala de um policial antigo).

Depende da linguagem de quem está falando. No inquérito tem a parte do policial (condutor) e do preso (conduzido). Quase não aparecem palavras de ofensas ou pejorativas no inquérito, pois o escritor faz uma filtragem. Mas quando estão dois policiais conversando existe uma linguagem bem específica da área (Entrevista com agentes e delegado de polícia)

A idéia desse trabalho é permeada pela descoberta de um campo de conhecimento preocupado em entender a variação da fala e o processo de comunicação de determinada comunidade, mas especialmente compreender as transformações na cultura organizacional em suas instituições, neste caso, na polícia civil em Teresina.

A existência de uma linguagem especial é denunciada pela elaboração de termos específicos comuns a uma determinada comunidade de falantes e construídos a partir de suas condições sociais, culturais e da prática profissional. A temática da linguagem policial nos vem à tona em razão das inúmeras variáveis que podem condicionar a fala de uma comunidade, tais como o gênero, a escolaridade, o tempo de serviço, a posição da instância policial, dentre outras; e das conseqüências que podem operar nas relações sociais com predominância da visão androcêntrica e da relação de poder.

As instituições policiais têm resistido às forças transformadoras do processo democrático, apesar disso a elaboração de políticas de formação humana dos profissionais envolvidos com a segurança cidadã e o comprometimento de uma segurança pública mais humana e eficiente têm exigido dos gestores e dos policiais nova relação com os cidadãos. A partir disso, percebe-se mudanças na fala dos po-

liciais, tornando-se mais técnica, mais humana e cordial. Este artigo apresenta os passos metodológicos que investigam este *habitus* linguístico. Inicialmente procuramos desmistificar a idéia de uma incapacidade de entendimento da linguagem jurídica por parte da comunidade de policias como sendo a origem do universo linguístico policial.

## A LINGUAGEM POLICIAL E A ABSTRAÇÃO

Somos um número significativo de pessoas que pensa de forma utilitária a construção dos símbolos: as palavras, os gestos, as imagens, os sons e outros. A este respeito, no início do século XVII e XVIII as cartas dos viajantes descreviam os conhecimentos dos ‘povos primitivos’ como desprovidos de qualquer abstração e guiados pela necessidade. Este entendimento contribuiu para a construção de uma representação por parte dos europeus profundamente equivocada, o que resultou numa política colonialista dominadora e dizimadora dos povos americanos, africanos, asiáticos e outros. Contudo, vários intelectuais a partir das próprias cartas dos viajantes relaboraram a representação dos povos dominados, no campo da antropologia Levi-Strauss (1989) publica a Obra ‘O Pensamento Selvagem’ na tentativa de colaborar com esta nova interpretação.

Para a maioria dos viajantes o conhecimento adquirido sobre as plantas pelos ‘povos primitivos’ ocorria em razão da necessidade de uso, tornando a capacidade de nomeação desses povos bastante limitada. Esta atitude de subestimar o pensamento ‘selvagem’ não pertence apenas ao ‘civilizado’, os ‘selvagens’, a partir de sua posição, a produz em direção a nós(os modernos).

Cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento; é por isso, portanto, que ela jamais está ausente. Quando cometemos o erro de ver o selvagem como exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não percebemos que ele nos dirige a mesma censura e que, para ele, seu próprio desejo de conhecimento parece melhor equilibrado que o nosso (*Ibidem*, p. 17)

Esta atitude é acompanhada com o argumento da superficialidade exercida pelos outros povos. Nós (os civilizados, mais intelectuais, dominantes) julgamos que o pensamento do outro é direcionado para um nível mais simples do que o da ciência. Desvelar esta

prática no campo científico é aprofundar a relação pesquisador e sujeitos da pesquisa, especialmente quando analisamos o campo lingüístico na polícia. Não são poucos aqueles que defendem a idéia do surgimento de uma linguagem policial como originado da insuficiência intelectual dos policiais em entender e interpretar as leis e seus termos, mas não partimos dessa premissa.

Como diz Levi-Strauss (1989) sobre a capacidade dos outros povos “É claro que um conhecimento desenvolvido tão sistematicamente não pode ser função apenas de sua utilidade prática”(pg. 23), entendemos, portanto que a linguagem policial desenvolve-se não apenas por necessidade, mas por abstração e intelectualidade dos falantes desse campo. Parafrazeando o antropólogo, destacamos que os símbolos: as palavras, os gestos, as imagens, a sonoridade “[...] não são conhecidos por que são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas” (*Ibidem*, p. 24). E para caracterizar e situar os universos de concepção e metodológicos dos povos primitivos e dos ditos modernos, convém destacar a metáfora: “Mais uma sombra que antecipa seu corpo, num certo sentido ela é completa como ele, tão acabada e coerente em sua imaterialidade quanto o ser sólido por ela simplesmente precedido” (*Ibidem*, p. 28).

A existência dos campos lingüísticos não deve a insuficiência e superioridade de um dos campos, mas as condições sociais, culturais e políticas que circundam as comunidades lingüísticas. No caso do campo policial como em outras instâncias a predominância das peculiaridades masculinas se sobressai dentre as demais, como destaca Bourdieu (1999):

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina [...] (p. 18).

A visão androcêntrica será a variável independente em todo processo de constituição do universo lingüístico policial. O campo profissional, apesar de modernamente, estar sendo ocupado pelo gênero feminino, desde a base até às posições de comando, a força gravitacional da estrutura masculina atrai e conforma falas, gestos, imagens e alternativas. A imposição lingüística ocorre nas atividades profissionais e no contínuo exercício de pertencimento do indivíduo

ao grupo. Logo, a elaboração de um vocabulário estar vinculado à sua prática social e profissional e à capacidade de abstração deste universo. Por outro lado, esta elaboração se apresenta ao conjunto de indivíduos enquanto violência simbólica, entendida aqui como sendo “[...] todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (Bourdieu, 1992, p. 19). A incorporação de uma *hexis* corporal e de um *ethos* ocorre pela dissimulação da origem desses significados e de sua manifestação hegemônica no contexto das *redes sociais* (Calvet, 2002) pertencentes ao campo policial. Contudo, para muitos, a análise da variação lingüística no campo policial requer uma área de conhecimento específica, tanto a sociolingüística quanto a sociologia da linguagem se apresentam como disciplinas capazes envolver o tema desta variação.

### SOCIOLINGÜÍSTICA, SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM E METODOLOGIA.

A temática, inicialmente encarada no campo da sociolingüística, esta entendida como um ramo da lingüística e com tal portadora da compreensão das mudanças no campo da variação lingüística, foi transportada para o campo da sociologia da linguagem, uma vez que esta, como diz Monteiro (2000, p. 28): “[...] a sociolingüística analisa os aspectos sociais com o intuito de compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento. Por sua vez, a sociologia da linguagem busca alcançar um melhor entendimento da estrutura social através do estudo da linguagem”.

A distinção entre a lingüística e a sociologia da linguagem percorre a dimensão da abordagem microsociolingüística da macrosociolingüística (Calvet, 2002). Para este autor, a análise do falante e de seu universo lingüístico não pode se desprender das noções de comunidade, de redes sociais e de predominância de dialetos num determinado contexto social. Na análise da variação lingüística no campo policial, em Teresina-Pi, pouco se pode falar em status da língua, porém os sujeitos condicionam a posição da fala que falam a partir de suas posições no campo policial. Neste sentido, podemos identificar posições a partir da escolaridade, da função, do tempo de

serviço, da localização de mando nas instâncias consagradoras do campo policial, dentre outras; conseqüentemente, vincular a variação a estes condicionamentos. Além desses condicionamentos, a estrutura da variação movimenta-se por transformações comportamentais produzidos pelo espectro político, cultural e social.

A compreensão do falante, de sua comunidade, de suas redes esta imbricada, tornando inócua a separação entre campos de conhecimento responsáveis por abarcarem este ou aquele aspecto. “É necessário conceber a abordagem dos fatos da língua como um vasto *continuum*, que vai do analógico ao digital, das relações sociais à iminência dos fatos lingüísticos, como se estivesse aplicando uma técnica de *zoom*” (*Ibidem*, p. 143) (destaques do autor). Neste contexto cabe-nos indagar sobre os interesses das ciências sociais na investigação do universo do falante e dos conceitos lingüísticos, Bourdieu (1983) afirma que a crítica sociológica faz deslocamentos, a noção de gramaticalidade passa a ser considerada como aceitabilidade, a de língua passa a ser língua legítima, as relações de comunicação transformam-se em relações de força simbólica; ou seja, a linguagem mais que um instrumento de intelecção é considerada um instrumento de ação.

A captação da ação no campo lingüístico policial requer instrumentos de pesquisa capazes propiciar ao pesquisador e aos sujeitos momentos de participação nas elaborações dos questionamentos necessários ao desvelamento do campo. Podemos destacar a *entrevista*, esta envolve todos os sujeitos numa relação de proximidade cujo canal é a linguagem, por sua vez o uso da linguagem não pode provocar desnível o que prejudica a ‘situação da entrevista’, conseqüentemente, as informações e os termos coletados. Outra preocupação é com a espontaneidade dos falantes, a distorção intencional ou não da comunicação pode conduzir a resultados imprecisos. Além desses aspectos a elaboração do roteiro deve levar em consideração as hipóteses de pesquisa, a escolaridade do entrevistado, o local e o horário. Os *formulários* são instrumentos que podem auxiliar na coleta de informações face-a-face, porém é mais limitado por ‘prender’ pesquisador e entrevistado às questões anteriormente elaboradas, porém propiciar a sistematização estatística dos dados.

Não podemos esquecer no debate metodológico o uso de *entrevistas e discussões sobre o grupo focal* (Flick, 2004). Esta técnica consiste em agrupar os indivíduos pertencentes à comunidade pesquisada para uma conversa sobre um tópico específico. O grupo não pode exceder o número de seis a oito pessoas. Entre as vantagens de uso desta técnica, podemos destacar “[...] o seu baixo custo e a sua riqueza de dados, o fato de estimularem os respondentes (auxiliando-os a lembrarem-se de acontecimento) e a capacidade de ultrapassarem os limites das respostas de um único entrevistado” (pg. 125). Contudo, as precauções sobre o uso dessas técnicas não devem ser esquecidas, especialmente, na fala espontânea. Nesta pode ocorrer o *paradoxo do observador*, quando o falante modifica a situação natural em decorrência da necessidade de mostrar maior formalidade na linguagem durante a situação de entrevista (Monteiro, 2000).

O estudo sobre a variação lingüística no campo policial tenta compreender a base social dos seus falantes, os condicionamentos lingüísticos, as conseqüências da estrutura androcêntrica sobre os *habitus* lingüísticos e conhecer alternativas para uma variação mais instituinte em relação à instituída.

## A INVESTIGAÇÃO SOBRE O *HABITUS* E A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E NO CAMPO POLICIAL

As leituras e as reflexões teóricas sobre a temática da sociolingüística realizadas pelo grupo pesquisa servem como iniciação à pesquisa enquanto prática social. Isto significa que o ato da investigação acompanha nossa *práxis* cotidiana, em razão disso, os múltiplos instrumentos de captação da realidade não podem ser dispensados, especialmente os adequados à análise dos aspectos sociais da língua. Contudo, o desenho da investigação deve selecionar a metodologia específica para cada objeto. É neste caso, são imprescindíveis a utilização de categorias sociolingüísticas, sociológicas e políticas para fundamentar o estudo neste campo de conhecimento.

A preocupação com o universo lingüístico no campo policial surge da recorrência a estudos e leituras sobre a polícia e os policiais, quer para ministrar aulas em cursos de especialização, quer para aprofundar o conhecimento sobre o campo policial, trabalho já iniciado em outra produção acadêmica.<sup>1</sup> Outro aspecto que vale destacar é

o ambiente policial que possibilita aos policiais a imersão num jogo, através do qual as disputas entre eles e os diversos campos (religioso, escolar, profissionais e outros) ocorrem mediados por elementos situados no social e nas possibilidades de performance do agente. A concorrência por posição social e autoridade utiliza-se de objetos que colocados no mercado conquistam valor. A desvalorização e a valorização ocorridas no interior dessas relações simbólicas encaminham o habitus lingüístico policial para transformação ou conservação (Miranda & Silva, 2006, p. 05).

Neste contexto este trabalho tenta estrutura-se com a seguinte inquietação: perceber a variação lingüística no campo policial (polícia civil), no contexto de reestruturação das polícias, como forma de manifestação das transformações cultural, organizacional e operacional no interior dessa instituição. Considerando, o ingresso de policiais com escolaridade superior, pós-graduado, superior incompleto e nível médio. No último concurso o Edital constava com a exigência de superior completo para todos os cargos. Apontamos seus objetivos: a) Catalogar o universo das palavras específicas do campo policial civil; b) Analisar as transformações da linguagem policial a partir das gerações de policiais: antigos e novatos; c) Possibilitar a análise das mediações entre palavras e indivíduo, indivíduo e poder; e; d) Enfocar a cultura organizacional a partir do significado e ressignificado das palavras no campo policial.

Este cenário por si só pode não representar transformações na polícia, por esta razão, escolhemos captar a linguagem cotidiana desses profissionais para visualizarmos a ‘nova polícia’. Alkmim (2005, pg. 27), cita Benveniste para informar que “[...] a questão da relação entre língua e sociedade se resolve pela consideração da língua como instrumento de análise da sociedade. Para ele (Benveniste) a língua contém a sociedade e por isto é o interprete da sociedade”. A análise do universo lingüístico no campo policial leva em consideração a existência de linguagem especial do campo profissional e os condicionamentos oriundos da posição de classe, do grau de instrução e da posição de autoridade que ocupa.

Este trabalho parte da hipótese que a variação lingüística existente no campo policial representa parte das transformações ocorridas nessa Instituição, especialmente pela exigência de um novo comportamento oriundo das legislações humanitárias, administrativas e maior sensibilidade humana neste começo de século.

Trabalharemos com universo de policiais que possam representar a cultura dessa categoria. Para tal, utilizamos formulários, entrevistas, recortes de jornais e entrevistas com grupos, além de subsidiar a pesquisa com leituras bibliográficas.

O caminho percorrido até o momento permite-nos verificar a influência da linguagem na estruturação das relações de poder, quer no âmbito afetivo, no de gênero e / ou mesmo nas posições de espaços no local de trabalho. Compreender essa trama é um dos objetivos deste trabalho. O contato com os policiais, com a bibliografia referente ao tema e reuniões para reflexões são necessários para o conhecimento dos sujeitos pesquisados e elaboração teórico-prático.

Com a intenção de fazer busca e coleta de dados planejamos e organizamos um conjunto de atividades que foram sendo realizadas no período de Setembro / 2006 a março / 2007, ainda destacamos alguns vocábulos lingüísticos específicos do campo policial.

## I

No primeiro debate sobre a variação lingüística no campo policial alguns aspectos sobre o objeto e sua delimitação tomaram nossa atenção. Viu-se problemática a periodização da pesquisa, como reconstituir falas anteriores? O nosso interesse é pelo campo lingüístico atual para compreender as transformações sociais, culturais e políticos no campo policial. Encaminhamos a discussão para a coleta do ano em curso, sendo que a progressiva mudança será diagnosticada pelos relatos provocados pelos questionários, formulários e roteiros de entrevistas. No momento seguinte passamos a leitura bibliográfica sobre o tema.

## II

A novidade da temática para os pesquisadores conduziu-nos para leituras básicas de sociolingüística. A compreensão da língua, de seus condicionamentos fonológicos, sociais, culturais e políticos tornou-se imprescindível para o desenvolvimento desta pesquisa. No primeiro momento, passamos a leitura do texto “Sociolingüística” parte I, da Tânia Maria Alkmim, na Obra ‘Introdução à Lingüística :

domínios e fronteiras'. Neste capítulo, a autora faz um balanço das vertentes neste campo de conhecimento, desde da perspectiva biológica à social. De Saussure destaca: “[...] a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social” (pg. 23), da mesma encaminha para Bakhtin um outro pólo deste debate, na medida que o cita ao dizer que “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüística [...] mas pelo fenômeno social da *interação verbal* realizada através da *enunciação* ou das enunciações” (pg. 25). Desperta a partir disso, a noção de comunicação social, a idéia de comunidade lingüística. O terceiro momento foi o reconhecimento do campo de pesquisa: o campo policial e sua linguagem especial.

### III

Esta atividade é possível após o achado do conceito de comunidade lingüística, sendo entendida aqui como “[...] um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos” (*Ibidem*, p. 31). A visita ao ambiente policial não deveria ocorrer sem uma finalidade, a qual seria descrita com a realização de uma atividade, escolhemos, portanto a aplicação de formulários com 4(quatro) policiais, sendo 2(dois) delegados e 2(dois) agentes de polícia.

O principal objetivo do formulário (apelidado no documento em anexo de questionário) foi diagnosticar a existência de uma linguagem específica e, ao mesmo tempo, verificar a sua variação condicionada por elementos sociais, cultural, políticos e outros.

A aplicação do formulário foi realizada pelo bolsista com a supervisão do seu orientador na Corregedoria Geral de Polícia Civil do Estado do Piauí (CGPC). Foi constada a existência de mais de 50(cinquenta) termos policiais, porém este universo é muito maior, especialmente considerando as regiões brasileiras, a escolaridade e grau de profissionalismo nas quais as policias estão inseridas. No entanto, apontaremos alguns termos policiais: meliante, elemento, caçota, campana, vida pregressa, prejudicado, brancoso, vulgo, areia

de serviço, burro preto, forquilha, nife, oreia seca, pulseira, dentre outros.

A inclusão de outros termos e suas análises serão realizadas em trabalho posterior, mas convém destacar que a existência dessa linguagem está vinculada ao contato dos policiais com o meio cultural das 'ocorrências' (dos fatos delituosos), como também à uma linguagem arcaica utilizada pelos policiais antigos, como afirmou um dos entrevistados.

## CONCLUSÕES

O estudo aponta para a necessidade de conhecimento das diversas linguagens especiais, para a partir delas compreendermos as mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas pelas quais passamos. O desafio que está à frente parece grande demais para finalizarmos o estudo da problemática e aprofundarmos aspectos relevantes.

Os reajustes na política requerem um 'reajuste no olhar' (Encrevé, 2005) para conservar a capacidade interpretativa e analítica. Não são apenas as instituições policiais que sofrem neste início de século mudanças comportamentais, os grupos de adolescentes nos bairros pobres das cidades metropolitanas ou não, os jovens das baladas, os grupos da terceira idade que organizam um novo modo de vida e, conseqüentemente, uma nova linguagem e tantas outras organizações que estruturam seu poder através da fala.

A linguagem no campo policial vem sofrendo um processo de variação dominado por variáveis específicas da vida moderna: escolaridade, faixa etária, posição social, situação na hierarquia do trabalho entre outros. Contudo, alguns elementos arcaicos persistem por meio da fala: a visão androcêntrica, o abuso de autoridade, inversão dos valores no campo profissional e social.

O reconhecimento da violência simbólica existente no campo policial possibilita a estruturação de políticas que possam amenizar os resultados da prática profissional dos agentes estatais envolvidos na segurança do cidadão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística – Parte I. **In:** MUSSALIM Fernanda, & BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Lingüística*. Domínios e Fronteiras. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21-47.
- ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BAUER, Martin W. & GASKEL, George. *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Um manual prático. (Tradução Pedrinho A. Guareschi) Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENVENISTE. E. *Problemas de Lingüística geral*. São Paulo: Nacional, 1976.
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Tratado de Sociologia do Conhecimento. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERGER, Peter L. & BERGER, Briggit. Como ser um membro da sociedade. **In:** Marialice Mencarini Forachi & José de Sousa Martins. *Sociologia e Sociedade*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1998, 200-214p
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- . *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- . *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- . *A reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística*. Uma Introdução Crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. **In:** Ruth Cardoso (org.). *A Aventura Antropológica: Teoria e Método*. São Paulo: Paz e Terra, 1986, p. 95-105.

ENCREVÉ, Pierre. A palavra e seu preço. **In:** ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rose-Marie (Coordenadores). *Trabalhar com Bourdieu*. Tradução de Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 261-270 p.

FLICK, Uwe. *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. **In:** Michel J. M Thiolent (org). *A crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. São Paulo: Polis, 1985, p. 191-210.

MIRANDA, José da Cruz Bispo de & SILVA, Leonildes da Costa (2006). A palavra, a educação e o poder no campo policial. *Projeto de Pesquisa*. Teresina: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/ CNPq, Pró Reitoria de Pesquisa da UESPI.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SEMAMA, Paolo. Linguagem e Poder. Tradução de Wamberto Hudson Ferreira. Brasília: Universidade de Brasília, 1981 (Coleção Pensamento Político).

THIOLLENT, Michel J. M. *A crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. São Paulo: Polis, 1985.

VOGT, Carlos. *Linguagem pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma*. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumerá, 2002.